

O PAPEL DA APOCALÍPTICA NO CONCEITO DE REINO DE DEUS

*Profa. Ms. Tânia Maria Couto Maia**

Resumo: Este artigo se propõe a analisar, a partir de fundamentos bíblicos do período de florescimento da Literatura Apocalíptica, a gênese do conceito de “Reino de Deus” e seu desenvolvimento. Pretende, além disso, destacar a importância da “Teologia Apocalíptica” surgida nesse período, e sua abrangência nos escritos dos últimos três séculos que precederam à fé cristã pelo fato de ter influenciado, com muitos de seus temas, a literatura e a teologia do Novo Testamento.

Palavras-chave: Reino de Deus, reinado, apocalíptica, revelação, história, justiça, julgamento, libertação, ressurreição, Jesus Cristo.

Abstract: This article aims to analyze, from biblical basis of the period of Apocalyptic Literature growing, the genesis of concept of “Kingdom of God” and its development. It intends, then, to emphasize the importance of “Apocalyptic Theology” issued in this period, and its inclusion in the writings of the last three centuries those preceded the Christian faith by having influenced, with many of its themes, the literature and the theology of New Testament.

Keywords: Kingdom of God, reign, apocalyptic, revelation, history, justice, judgment, liberation, resurrection, Jesus Christ.

Introdução

Dentre os conceitos fundamentais do Novo Testamento destaca-se o de “Reino de Deus”. A realeza de Deus desempenha importante papel nos Evangelhos Sinóticos, como componente fundamental da mensagem de Jesus¹. O sentido de realeza, ou “Reino de Deus” nesses evangelhos é muito debatido. Fora dos Evangelhos Sinóticos em geral, a expressão “Reino de Deus” desaparece, embora Rm 14,17; 1 Cor 6,9; 15,50 e Gl 5,21 sejam exceções casuais. No Antigo Testamento essa expressão aparece apenas em Sb 10,10 (período da apocalíptica), e na Obra do Cronista nas diversas expressões para dizer reinado e realeza (*malkut mamlacha*,

¹ Cf. DAY, J., *Rei e Messias* – Em Israel e no Antigo Oriente próximo, São Paulo: Paulinas, 2005, p. 491-493.

melucha) em 1 Cr 28,5: “Para ocupar o trono da realeza de IHWH” (*malkut IHWH*), 2 Cr 13,8: “... a realeza de IHWH que os filhos de Davi exercem...” (*mamlechet IHWH*), mas essas expressões são referidas a IHWH ainda em: Sl 22,29// Ab 21; Sl 145,11-13//Dn 3,33 e 4,31; 1Cr 17,14 e 29,11, e constituem uma transformação judaico-primitiva veterotestamentária: *IHWH é rei / foi entronizado como rei / impera como rei*². Porém é no ambiente da Apocalíptica que a expressão “Reino de Deus” encontra sua mais plena configuração, tornando-se o centro e o cume de toda sua reflexão teológica.

1. A idéia do reino

A concepção de IHWH como rei na obra deuteronomista é introduzida somente em conexão com o problema do reinado político em Israel³. Após o exílio, tendo em vista a queda da monarquia, a obra histórica deuteronomista desenvolve massiva crítica ao rei: frisa a competência unicamente do rei-IHWH em questões de guerra e julgamento (1 Sm 8; 12). No exílio o Deutero-Isaías amplia ainda mais esse contexto de ideias: IHWH é Senhor também não só do rei Ciro (cf. Is 45,1), mas também de todo o mundo que Ele criou e, sendo assim, não só o rei dos deuses, mas o único Deus (Is 44,6). Como rei soberano estabeleceu um novo começo para o seu povo, perdoou-lhe a culpa (40,2; 43,25) e é, enquanto seu criador e rei, a um só tempo seu libertador e salvador e fará em breve de Jerusalém o centro renovado do seu Senhorio (Is 43,14s; 52,7s: “o teu Deus reina”). Em contra partida, a desilusão sobre o tardar da régia entrada de IHWH em Jerusalém no sentido do Deutero-Isaías pode ter sido uma das razões históricas para a crescente escatologização e polarização dessa esperança, tal como ela se articula no período posterior ao persa, da ocupação grega de Israel, em forma apocalíptica⁴. O acontecimento escatológico apresentar-se-ia com grandes variedades de formas nos escritos exílicos e pós-exílicos, formas estas que

² Cf. Verbete “Reino de Deus” in *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, São Paulo: Paulus, 1993.

³ Somente contra o pano de fundo da monarquia em Israel e do culto estabelecido no Templo é que a designação de IHWH como rei recebe também claro perfil político-teológico (tendo IHWH à frente como rei-general [Sl 24,8] Israel levou a cabo, guerras vitoriosas; o rei terreno age por delegação de IHWH [Sl 2,6ss], participando, portanto, do poder divino, podendo até ter sido considerado como divino). O rei-IHWH está do lado dos famintos, prisioneiros, oprimidos, cegos, estrangeiros, viúvas e órfãos. Cf. Verbete “Reino de Deus” in *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, São Paulo: Paulus, 1993.

³ CROATTO, S., *Apocalíptica e esperança dos oprimidos*, in RIBLA 7, Petrópolis: Vozes, 1990, p. 14.

⁴ Cf. PAUL, A., *O que é Intertestamento*. Cadernos Bíblicos, n. 10, São Paulo: Paulinas, 1981, p. 65.

incluiriam, embora concebidos de diferentes modos, elementos constantes. A “profecia escatológica” seria o resultado de uma mudança na profecia pós-exílica, ocasionada pela experiência do exílio babilônico⁵.

Crise de fé na escatologia profética leva à radicalização da esperança nas perspectivas dos projetos divinos que se tornam inviáveis diante da nova situação histórica. Como Deus realizará suas promessas? O modelo escatológico dos profetas perde progressivamente sua credibilidade. Exige-se nova reinterpretação dos textos uma vez que o futuro “Reino de Deus” deveria ser pensado de outra maneira. A mudança de perspectiva da escatologia⁶ profética pós-exílio é caracterizada pelo grande esforço de manter a fé, de reforçar a esperança no agir histórico de YHWH, apesar de tudo. Deus é fiel, ele não abandona seu povo (cf. Is 54,6; Jr 24,5ss; 29,11-14; 31,31ss; Ez 11,16; 20,33-38; 37). Deus realizará algo novo! Haverá um começo, rumo a um futuro novo! Essa esperança na fidelidade de YHWH se exprimiu no judaísmo tardio do século III a. C. ao século I a.C. de maneira totalmente nova, uma vez que a reconstrução do reino de Davi e a grande peregrinação do povo para Jerusalém não aconteceu.

O impacto dos freqüentes fracassos históricos (reforçado pela política cultural do Helenismo) foi tal que o futuro reinado de Deus pode ser cada vez menos, imaginado como resultado de um processo contínuo dentro da história. E a realização histórica da promessa se tornava cada vez mais difícil e a antiga teologia profética desaparece da consciência. O futuro agir de Deus só podia ser pensado como destruição catastrófica dessa história e irrupção descontínua de algo totalmente novo. A perspectiva escatológico-histórica que insistia na colaboração entre YHWH e o seu povo é, então, substituída por um novo modelo da história⁷, uma nova escatologia chamada “apocalíptica” na qual se espera uma mudança tão radical que só Deus pode fazê-la, com uma mudança não do homem e sim do “mundo”, daí que exclui a colaboração direta do povo. O curso da história é irreversível porque a instauração do “reino de

⁵ CORREA-LIMA, M. L., *Salvação entre juízo, conversão e graça*. – A perspectiva escatológica de Os 14,2-9. Roma: Ed. Pontificia Università Gregoriana, 1998, p. 17-18.

⁶ A escatologia véterotestamentária é um fenômeno complexo, exigindo ser considerada sob variados ângulos de vista, a fim de que possam ser abarcados seus numerosos elementos. Cf. CORREA-LIMA, M. L., *Salvação entre juízo, conversão e graça*. – A perspectiva escatológica de Os 14,2-9. Roma: Ed. Pontificia Università Gregoriana, 1998, p. 42.

⁷ A história passa a ser compreendida numa tensão entre a visão cósmica e a realidade oferecendo uma visão dualística do mundo que se exprime em uma doutrina dos dois eóns, na qual o eón presente se contrapõe ao eón futuro. Cf. RUSSELL, D. S., *L'Apocalittica Giudaica*, Brescia: Paideia, 1991, p. 351.

Deus” é absolutamente certa⁸. Esta convicção se fundamenta na fé dos apocalípticos em Deus, que domina sobre os reinos humanos, os dá a quem lhe apraz (cf. Dn 4,22) e confere significado e objetivo à vida como os homens a têm experimentado, com todas suas dificuldades e sofrimentos, oferecendo, assim, uma solução ao mistério do agir de Deus com seu povo, Israel.

M. Hengel acredita que a “base da apocalíptica é a noção de ‘revelação’ de uma ‘sabedoria’ divina especial sobre os mistérios da história, o cosmos, o mundo celeste e o destino dos indivíduos no fim dos tempos, ocultada à razão humana”⁹. A apocalíptica é pessimista em relação ao mundo presente (porque seus adeptos sentem o peso do mal e do sofrimento), mas é essencialmente otimista na esperança da salvação, que se situa no “mundo que vem”¹⁰, que não significa um mundo espiritual e celeste, mas o que vem “depois”. O que põe fim ao tempo presente é o julgamento de Deus. O “mundo que vem” é descrito também com a imagem de “reino”. A ideia de um reino que vem manifestar a soberania de Deus é fundamental na doutrina desta tradição literária. Essa nova cosmovisão aparece de maneira mais clara, pela primeira vez, no livro de Daniel: Deus suscitará um Reino que jamais será destruído, um reino que jamais passará a outro povo (2,44). Esse reino vem de improviso e sem intervenção da mão humana (2,34).

2. As origens da apocalíptica

As origens da apocalíptica são complexas, mas elas são tributárias de um contexto histórico-político-cultural e religioso que emerge do pós-exílio. O retorno da elite de Israel exilada na Babilônia se deu a partir do ano 538 a. C. Os que regressam do exílio trazem seu próprio projeto religioso e não querem a colaboração da população mista de Judá (o povo da terra). Com esse grupo nasce um primeiro movimento de reforma com uma escatologia e um mundo simbólico apocalíptico, que terá duas tendências contrapostas: uma dirigida pelo grupo sacerdotal, inspirada na escatologia apocalíptica de Ezequiel, e dirigida pelo grupo sacerdotal sadoquita cujo projeto é reconstrução do povo a partir da reconstrução do templo e do culto (Inspira-se em Ez 40-48)¹¹. Este movimento, com os

⁸ CROATTO, S., *Apocalíptica e esperança dos oprimidos*, in RIBLA 7, Petrópolis: Vozes, 1990, p. 14.

⁹ Citado por AIRTON JOSÉ DA SILVA, in E. Bíblicos 39, Petrópolis: Vozes, 1993, p. 16.

¹⁰ A inauguração do “mundo que vem” é acompanhada de um juízo divino sobre os justos e ímpios e da ressurreição de todos os homens (cf. Dn 12,2). Cf. CROATTO, S., op. cit. p. 14.

¹¹ Aqui seguimos bem de perto o texto de Pablo Richards sobre as origens da apocalíptica. Cf. RICHARD, P., *Apocalipse – Reconstrução da Esperança*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 25.

profetas Ageu e Zacarias (1-8), cria um universo simbólico próprio, contraposto ao mundo imperial persa. Este movimento logo perde sua dimensão escatológica apocalíptica e se transforma num movimento de controle da comunidade (Neemias 445, Esdras 398, e Crônicas 300), em torno da proximidade do poder político e religioso.

A outra tendência inspirada na escatologia apocalíptica do Deutero-Isaías, possui um caráter profético popular, os “visionários”. Busca a reconstrução de Israel, não fundamentalmente, a partir das estruturas, mas da reconstrução do próprio povo. Seu programa é Isaías 60-62. Este movimento popular, com uma escatologia apocalíptica produzirá escritos como Is 34-35 e 24-27, e todo o terceiro Isaías (Is 56-66); posteriormente, o Deutero-Zacarias (9-14), o deutero-Joel (Jl 3-4), e talvez Malaquias. Este movimento irá durar em torno de um século¹². Este segundo movimento cresce fundamentalmente no povo da terra (remanescentes), que não foi para o exílio e que vê nas instituições do passado mais claramente a causa de todos os desastres sucedidos ao povo; este movimento popular busca então uma reconstrução utópica do povo por meio da criação de uma nova consciência (novos símbolos e mitos), e através da crítica das instituições dominantes. Dá-se uma clara divisão na comunidade judaica: teocráticos/visionários e ou poderosos/marginalizados. Essa polarização social reflete-se na cosmovisão dos grupos de base. Os temas apocalípticos do juízo, do reino escatológico, da última “visita” de Deus, da ressurreição etc., estão marcados por essa polarização religiosa, que muitas vezes quer inverter uma polarização social de efeitos opostos. Estes, e não todo o Israel, são os destinatários das revelações (daí o vocábulo apocalipse). Em síntese, os grupos “apocalípticos” surgem como uma forma de protesto, e às vezes, de resistência, contra um sistema opressor, centralizador do poder, ideologicamente discriminador, religiosamente monopólico, etc, que de fato os marginaliza¹³.

Convém ressaltar que a mesma situação sócio-política e religiosa antes citada gerava uma crise de fé em relação às promessas de benção. A típica pergunta dos apocalípticos “Até quando”? (Dn 8,13; Ap 6,10) era suscitada pela constatação da descontinuidade entre as realizações e promessas do passado (criação, êxodo etc.) e a realidade de frustrações e extrema opressão do presente. Porém, enquanto na fé tradicional de Israel se esperava que YHWH reiterasse as promessas do passado, os apocalípticos esperavam uma nova revelação. A revelação apocalíptica é

¹² RICHARD. P., op. cit . p. 26-27.

¹³ CROATTO, S., *Apocalíptica e esperança dos oprimidos*, in RIBLA 7, Petrópolis: Vozes, 1990, p. 10.

diferente da tradicional (Torah, profetas, escritos) considerada insuficiente para compreender novas situações de crise. A desintegração do mundo anterior, a perseguição e a opressão apresentam ao apocalíptico e ao povo perguntas novas. Para desocultar a realidade atual, para encontrar na nova situação onde está Deus e qual é o seu plano de salvação ou a sua vontade, necessita-se de algo novo¹⁴. Por isso o apocalíptico apresenta sua mensagem como uma revelação direta e nova de Deus.

Apocalipse, que literalmente significa revelação, tem o sentido de tornar visível, tangível, audível, inteligível, algo que estava oculto, invisível. Além disso, o que desoculta é algo que interessa, sobretudo, aos santos, aos justos, aos pobres. O Apocalipse, como desocultamento, tem como finalidade tornar visível a realidade dos santos e legitimar sua causa, sua resistência, sua luta. O Apocalipse desoculta o Deus transcendente que age na história; torna visível sua ação e seu poder. O Apocalipse desoculta também a realidade dos pobres e legitima sua libertação. O **Apocalipse de João** é revelação (desocultamento) da presença transcendente e libertadora de JESUS Ressuscitado na história. Torna visível a dimensão oculta, transcendente e profunda da história¹⁵. Os livros de Daniel e do Apocalipse são os extremos visíveis de um horizonte histórico de três séculos, onde se deu o movimento apocalíptico popular quase ininterrupto que se expressou numa abundante literatura apocalíptica histórica apócrifa, especialmente 1 e 2 Henoc, 2 Baruc e 4 Esdras.

¹⁴ RICHARD. P., *Apocalipse* – reconstrução da Esperança, Petrópolis: Vozes, 1996, p. 55.

¹⁵ RICHARD. P., *Apocalipse* – reconstrução da Esperança, Petrópolis: Vozes, 1996, p. 54. “Podemos dizer que o Apocalipse revela o céu se tomarmos o conceito mítico-teológico “céu-terra”. Com esta expressão, designa-se normalmente na Bíblia toda criação, o cosmo, o universo, porém, principalmente, na literatura apocalíptica esta expressão adquire um caráter simbólico ou mítico. A terra designa o mundo tal qual aparece, o mundo empírico, o mundo onde dominam os poderes humanos, os injustos, os ímpios. O céu, pelo contrário, é a dimensão profunda do mundo que está além do domínio político dos ímpios; o céu é o mundo transcendental onde atuam os poderes sobrenaturais, tanto Deus como o demônio; é o mundo dos santos, dos crentes. O Ap de João utiliza sistematicamente a expressão “habitantes da terra” para designar os ímpios; e a expressão “habitantes do céu” para os santos e os justos. Por isso também a terra aparece como o lugar dos poderosos, dos opressores; o céu, ao contrário, é o lugar dos pobres, dos perseguidos e dos excluídos. A expressão céu-terra é uma expressão mítico-simbólica; não pode ser, portanto, interpretada literalmente, mas teologicamente”. CÉU-TERRA são duas dimensões da própria história; há uma só história, e céu-terra designa as dimensões desta única história. O céu é a dimensão profunda e transcendente da história; a terra é sua dimensão aparente e empírica.

O movimento apocalíptico e sua literatura

A Apocalíptica é bem mais do que uma literatura: “Ela é um grande e vigoroso movimento cultural, autenticamente judaico pelo seu meio social e por sua inspiração e, muito particularmente por vários de seus traços. Além disso, desenvolveu-se nela uma verdadeira ciência da história”¹⁶. A Apocalíptica é filha e herdeira da profecia e, tal como a mãe, é extremamente combativa¹⁷. Acreditam os grupos apocalípticos que após Ageu, Zacarias, Malaquias acabaram-se os profetas. Na sua linguagem dizem: “os céus estão fechados” e não se manifesta mais, em benefício de Israel, o “Espírito de YHWH”. Só com a chegada da era messiânica os céus novamente se abrirão. É uma maneira disfarçada de dizer a crise histórica por que passa Israel com o avanço da helenização. Frente a tal situação os grupos assídeos¹⁸ – e mais tarde também os essênios e alguns fariseus – dedicam-se à tarefa de preservar alguns sinais que permitam a continuidade da história viva do povo israelita. Assim nascem os livros apocalípticos. A preservação dos sinais que garantem a identidade israelita é possível através de dois mecanismos literários usados pelos círculos apocalípticos: o testamento e o arrebatamento ou assunção¹⁹.

Na cosmovisão apocalíptica o presente ou respectivamente este mundo no seu conjunto não tem mais nenhum futuro, devendo ser interrompido para dar espaço ao **senhorio de Deus**, que somente ele

¹⁶ Cf. PAUL, A., *O que é Intertestamento*. Cadernos Bíblicos, n. 10, São Paulo: Paulinas, 1981, p. 64.

¹⁷ ROWLEY, H. H., *A Importância da Literatura Apocalíptica*, São Paulo: Paulinas, 1980, p. 11-13. Devemos distinguir entre literatura Apocalíptica e escatológica. Justamente porque muito da escatologia entra na literatura apocalíptica, os dois termos são comumente confundidos; porém as idéias da escatologia apocalíptica podem ser achadas em obras que nada têm de apocalípticas. Crise de fé na escatologia profética leva à radicalização da esperança nas perspectivas dos projetos divinos que se tornam inviáveis diante da nova situação histórica. Como Deus realizará suas promessas?

¹⁸ “No ambiente dos assídeos é que devem ser procuradas as primeiras formulações substanciais da apocalíptica judaica. Tal como aparece no livro de Daniel, escrito em 164 aC., e nas partes antigas de Henoc etiópico, escritas ainda na primeira metade do séc. II aC.” Cf. DA SILVA, A. J. in E. Bíblicos 39, p. 16.

¹⁹ O **testamento**, gênero bastante conhecido no AT, é usado pela apocalíptica como modo de preservação do legado de um personagem importante do passado. Assim, embora Moisés, Abraão, os filhos de Jacó, Salomão etc. não mais existam, sua atuação continua através do livro. O **arrebatamento** ou assunção é outro típico artifício (simbólico) apocalíptico: se os céus estão fechados, como podem ser inspirados por Javé e conhecer a revelação dos autores apocalípticos? Fácil: o autor é ‘arrebatado’ aos céus. Se o Espírito não desce, vai-se até ele para escrever e fazer história. Cf. AIRTON JOSÉ DA SILVA, in E. Bíblicos 39, Petrópolis: Vozes, 1993, p. 16-17.

pode instaurar (cf. Ascensão de Moisés 10). Deus, enquanto o verdadeiro e único rei de todo o cosmo retirou-se, por assim dizer, por algum tempo ao céu, o lugar do seu trono (cf. Henoc Etíope 9; 84), e só se faz acessível em visões ao pequeno círculo dos assideus (cf. Henoc Etíope 12-14). Quando tiverem escoado os prazos estabelecidos por Deus, mediante a demolição deste mundo, que é imaginada como julgamento feito pelo Rei do céu e do mundo sobre todos os poderes antidivinos (HenEt 1,3; Dn 7), virá a renovação do mundo e manifestar-se-á o senhorio régio de YHWH na terra, que continuará, porém, a ter o Templo de Jerusalém como o seu centro (HenEt 25; 91,13; OrSib III, 767ss).

O livro de Daniel é o melhor representante da literatura apocalíptica na história do povo de Israel. Tem uma influência enorme no movimento de Jesus (Reino de Deus, Filho do Homem, Juízo, Ressurreição), e na história do cristianismo que culmina no Apocalipse de João. Em grande parte o cristianismo nasce nesse horizonte histórico que vai de Daniel ao Apocalipse. O capítulo sétimo é o eixo fundamental do livro, o seu coração. Nele o juízo de Deus tem dois momentos: a destruição dos impérios (simbolizados pelos animais) e a **entrega do Reino** ao Povo dos santos do Altíssimo (cf. Dn 7,13ss simbolizados pela figura do “Filho do Homem”). **O Reino de Deus põe fim aos impérios e os substitui** (no plano simbólico a figura do “Filho do Homem” sucede às figuras de animais). Tem-se o texto mais denso no v. 27: “O reinado, o domínio, e a grandeza de todos os reinos debaixo do céu serão entregues ao povo dos santos do Altíssimo. Seu reino é um reino eterno, e todos os impérios o servirão e lhe prestarão obediência”. No v. 14 há uma visão quase igual; já no v. 22 há um acabamento na visão: “e chegou o tempo de os santos entrarem na posse do Reino”. Ao povo se dá um reino eterno, quer dizer não termina na história, não é destruído pela opressão ou pelo orgulho, como foi o caso de Nabucodonosor (Dn 5, 18-21).

No capítulo 7 encontram-se, também, imagens de esperança que descrevem a intervenção do Reino de Deus como julgamento dos povos, uma batalha entre os povos, na qual um poder divino contribui diretamente para que finalmente a sua justiça se imponha no mundo: Um “Filho do Homem” que apareceria nas nuvens do céu para um julgamento da humanidade. Tinham absoluta clareza de que esperavam algo humanamente impossível de se realizar. O sentido global do capítulo sétimo seria o seguinte: O povo de Deus que esteve dominado pelos impérios, e agora mais concretamente por Antíoco IV Epífanês, receberá o Reino de Deus. Esta mudança histórica radical será obra do juízo de Deus, quer dizer, da ação libertadora de Deus na história. O

autor representa esta realidade do processo histórico em sua consciência (em sonhos e visões) como o fim das bestas e o começo do poder humano na história. Este capítulo não nos diz como se realizará essa mudança, somente nos transmite a certeza do fim dos impérios e do triunfo do Povo de Deus.

Em Daniel 12,2 a ressurreição dos mortos está vinculada à vinda do Reino de Deus: “E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para a vergonha e o desprezo eterno”. Esta passagem, única no AT, assinala ao mesmo tempo a conclusão de uma longa busca e o modo de compreender a destino humano. E em Daniel 7,18-27 a devolução do domínio no mundo ao povo dos santos do altíssimo²⁰ (7,18-27) coincide com o triunfo da causa de YAHWEH e dos seus. O anúncio da vitória sobre a morte surge vinculado à preocupação pela justiça. A Ressurreição é o lugar da vitória dos mártires. O v. 12,3 está ligado à justiça. A justiça do Deus vivo exige que a situação final dos justos seja diferente da dos blasfemadores²¹. A ressurreição torna possível a retribuição que, dada as circunstâncias, é remitida para o além. Aos olhos dos homens do AT a busca da justiça é mais premente do que a necessidade de vencer a morte. Não se trata simplesmente de viver, mas de viver na presença de Deus, quer dizer em relação com Ele²².

A apocalíptica e o Reino de Deus

Conforme foi demonstrado o tema do Reino se apresenta, sobretudo, na literatura apocalíptica (Dn, Testamento de Moisés). O eixo dessa literatura apocalíptica de caráter histórico é o confronto *Império-povo*, por isso a teologia apocalíptica é sempre teologia política²³. É conjuntural, nascendo em situações de extrema opressão, quando já não cabe nenhuma possibilidade de mudança dentro do sistema, e quando o império atua como besta contra o povo (poder bestial, desumano cf. Dn 7). A literatura apocalíptica é também uma literatura de esperança: sempre se anuncia o juízo de Deus, que põe fim à situação de crise. O fim implica a destruição

²⁰ MARTIN-ACHARD, R., *Da morte à ressurreição segundo o AT*, São Paulo: Ed. Academia Cristã, 2005, p. 158.

²¹ MARTIN-ACHARD, R., *Da morte à ressurreição segundo o AT*, São Paulo: Ed. Academia Cristã, 2005, p. 160.

²² MARTIN-ACHARD, R., *Da morte à ressurreição segundo o AT*, São Paulo: Ed. Academia Cristã, 2005, p. 135.

²³ PABLO RICHARD: *IN RIBLA 7: O povo de Deus contra o império – Daniel 7 em seu contexto literário e histórico*, Petrópolis: Vozes, 1990, p. 22.

dos impérios (das bestas) e a instauração do Reino de Deus. A confrontação é entre *império* e *Reino de Deus*²⁴. Este Reino de Deus é escatológico, não porque está no fim ou fora da história, mas porque põe fim ao tempo de crise e opressão dentro da história, põe fim ao império. Os que estão com o império estão contra o Reino e os que estão com o Reino estão contra o império. Este Reino de Deus é apresentado sob diferentes imagens: é a luta do povo, simbolizado por uma pedrinha que se transforma em montanha (Dn 2); é o povo dos santos, representado pela figura de “O Filho do Homem” que recebe todo poder (Dn 7); o Reino é representado também pela ressurreição corporal dos mártires e pela glorificação dos mestres de justiça (Dn 12). Tudo isto se dá na história e é o que põe fim ao sofrimento do povo de Deus²⁵. O mais importante na literatura apocalíptica é o **anúncio do que põe fim** à situação presente de sofrimento e perseguição. A escatologia não é somente o anúncio do fim, mas também o anúncio **do que põe fim** a uma situação de crise. O escatológico é o que põe fim ao sofrimento. É em Dn 7 que este fim aparece com maior elaboração histórica e teológica. Trata-se do juízo de Deus, quando é tirado o poder dos três primeiros animais, e a quarta besta (império helenista) e o outro chifre (Antíoco IV Epífanês) são destroçados, destruídos e aniquilados definitivamente. É claramente Deus que põe fim aos impérios (cf. Dn 2,34. 44-45 a pedra que rola da montanha). O que vem depois do fim: O que vem depois do fim é explicitamente o **Reino de Deus**. Depois do fim vem a ressurreição dos santos e a glorificação dos mestres de justiça²⁶ (Dn 12,2). Portanto, o Reino de Deus parece ser uma esfera onde entram aqueles cujas práticas se ajustam aos padrões do reino divino²⁷.

²⁴ PABLO RICHARD: IN RIBLA 7: *op. cit.* p. 22.

²⁵ PABLO RICHARD: IN RIBLA 7: *Apocalipse, esperança dos pobres*, RJ: Vozes, 1990, p. 23 [128].

²⁶ PABLO RICHARD: IN RIBLA: *Apocalipse, esperança dos pobres*, RJ: Vozes, 1990, p. 30.

²⁷ Percebem-se sinais de uma esfera de influência divina no mundo em passagens como “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus se aproximou” (Mc 1,15). “Na verdade eu vos declaro, dentre os que aqui estão, alguns não morrerão antes de ver o Reino de Deus vindo com poder” (Mc 9,1). “Na verdade eu vos declaro, já não beberei do fruto da videira até aquele dia em que beberei o vinho novo no Reino de Deus” (14,25). “Como é difícil entrar no Reino de Deus” (10,25). Cf. DAY, J., *Rei e Messias – Em Israel e no Antigo Oriente próximo*, São Paulo: Paulinas, 2005, p. 491-493.

Conclusão

Quem recebe o Reino é o *povo dos santos do Altíssimo* depois que Deus pôs fim à crise presente. Quando se fala em povo, não é mais o Israel étnico, mas o povo fiel, no interior de Israel, que luta contra Antíoco; é o povo que confia em YHWH e busca continuar a viver para sempre com ele, cuja vida espiritual, particularmente desenvolvida, alimentada e enriquecida pela palavra de Deus a seu povo, adquiriu um caráter de rara intimidade (cf. os Salmos 62; 42:). Os vínculos que os unem a Deus são indestrutíveis. Portanto, perseguidos, torturados, expostos a toda sorte de violência esperavam no agir de Deus que é amor e compaixão. O povo de YHWH descobriu nas intervenções de seu Deus a certeza de que, em sua soberania, sua justiça e seu amor (Reino de Deus) triunfaria contra todas as forças do mal e associaria a seu *Reino* seus fiéis servidores. A fé dos assídeos, fundamentada sobre as ações de Deus que escreve a história de seu povo, não se acanhou diante das perseguições e, portanto, fez nascer a fé na ressurreição. “O mártir foi o verdadeiro criador da crença em uma segunda vida”. A resistência é o segredo da alegria do *Reino*. A perseguição ao povo judeu representou um papel decisivo ao acelerar o abandono das velhas concepções israelitas sobre o destino humano “Deus dá a vida aos mortos”. Portanto, permitiu ao povo eleito expressar sua fé na vitória de seu Deus sobre as potências da morte em favor dos crentes²⁸. Como disse Tertuliano: “O sangue dos mártires foi a semente da imortalidade”²⁹.

O Deus vivo ao manifestar sua superioridade sobre as potências destruidoras, sua fidelidade à retidão, que é o fundamento da existência do povo escolhido, e sua bondade para com os seres que lhe devem tudo, suscitou tal adesão dos assídeos, que foram capazes de oferecer sua própria vida para permanecer em comunhão com ele. No advento do Reino de Deus o mal será eliminado e as pessoas serão repletas do Espírito de Deus. As esperanças e os temores expressos nos escritos apocalípticos estão sempre presentes sob a superfície do pensamento e experiência religiosos. Grande parte da experiência cristã primitiva e da linguagem que os cristãos acharam conveniente usar para expressar suas

²⁸ MARTIN-ACHARD, R., *Da morte à ressurreição segundo o AT*, São Paulo: Ed. Academia Cristã, 2005, p. 212.

²⁹ MARTIN-ACHARD, R., *Da morte à ressurreição segundo o AT*, São Paulo: Ed. Academia Cristã, 2005, p. 240.

convicções e suas práticas foram influenciadas pela apocalíptica (Reino de Deus, Justiça, Filho do Homem, ressurreição, vida nova).

O conceito de **Reino de Deus** nasce no contexto em que a prática da justiça é suprimida, portanto é uma expressão política que está diretamente vinculada ao campo e emprego do “poder” – está em jogo uma expressão política para designar o “agir de Deus, que, no entanto, refere-se de imediato ao senhorio dos homens sobre homens, visto que em consequência, o agir de Deus expressa-se com o conceito segundo analogia humana (cf. as bem-aventuranças). O poder político de Deus é o Reino. Jesus considerava sua atividade libertadora como uma espécie de luta contra satanás pelo poder, guerra contra o poder do mal sob todas as suas formas e aspectos. Isso era possível porque algo mais forte que satanás está agindo. Em última análise o bem é mais poderoso que o mal. Jesus estava convencido de que o Reino de Deus iria eventualmente triunfar sobre o reino de satanás (das bestas) e tomaria o lugar desse reino na terra. A própria formação do conceito e a história de sua interpretação evidenciam um falar de *Reino de Deus* que se crê poder escapar à questão do senhorio e poder humano³⁰. Reino de Deus como paradigma de uma esperança, que não somente proclama o fazer-se sujeitos de todos os homens em liberdade, igualdade e justiça, mas também tenta realizá-lo em sinal sob as condições do presente³¹.

Este *Reino* anunciado em Dn 7 realizou-se em Cristo, com Cristo e por Cristo. Com o *Reino de Deus* rompeu-se aqui realmente o círculo do poder através da renúncia radical à violência e, somente por esse motivo, a partir de Jesus Cristo, existe em nosso mundo a possibilidade de uma sociedade não violenta (Mt 5,1ss; Lc 22,29; 1Pd 3,9; Rm 12,16-21): O resumo clássico da ordem social proposta por Jesus – renunciar à violência, e justamente quando o adversário usa de violência para conosco³². A única chance para o nosso mundo está na possibilidade de, a

³⁰ Cf. BUSSMANN, M., in Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia, S. Paulo: Paulus, 1993, p. 765.

³¹ Cf. BUSSMANN, M., in Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia, S. Paulo: Paulus, 1993, 775.

³² NOLAM ALBERT, *Jesus antes do cristianismo*, São Paulo: Paulinas, 1988, p.156-162. A violência é sempre uma manifestação de poder e se desencadeia pelo egoístico desejo de “ser/ter/poder” mais que o outro, que se converte em seu receptor e no prejudicado real. A violência não se exerce no vácuo, mas sim sobre o “outro” e suas coisas. É a primeira violência, aquela que rompe o equilíbrio das relações justas e normais da sociedade, desde a família até ao Estado. A primeira violência é aquela que é produto do “abuso do poder”, gera estados de injustiça, de desordem nas relações sociais. Ora, esse exercício da justiça restauradora se exprime como uma forma de poder (do rei, do juiz, de toda pessoa que

partir de Jesus de Nazaré, se libertar do círculo dominante do poder, e isto não apenas no plano individual, mas também no social. O importante é que é possível sair do círculo de violência a partir de Jesus Cristo. Foi simplesmente provado que isso era possível. **A partir de Jesus o mundo dos homens mudou porque o Reino de Deus se instaurou e com ele a destruição dos impérios.** O contato humano começou simplesmente a mudar porque a estrutura do reino de Deus será determinada pelo poder do serviço espontâneo e fraterno que as pessoas vão prestar umas às outras (cf. Mc 10,42-45). A atitude de Jesus diante do poder de governo e do exercício da autoridade foi a proclamação da instauração do Reino de Deus. Os que estavam dispersos, os marginalizados e injustiçados, os que viviam sem contato, um ao lado do outro, se encontraram, se reuniram em torno desse homem. A fé no *Reino de Deus* que nos foi passada pela apocalíptica é a convicção de que, aconteça o que acontecer, o *Reino* há de vir. E é essa convicção que fará com que o Reino venha, porque essa convicção é verdadeira. *Maranathá!* Cristo é Rei proeminente em especial no Ap 1,5 (primeiro dos reis da terra) e 19,16 (Rei dos reis e Senhor dos senhores), por exemplo, e o reinado messiânico na terra tem lugar central na visão do futuro escatológico no livro do Apocalípse.

Bibliografia

AIRTON JOSÉ DA SILVA, *Judaísmo e Helenismo*, in E. Bíblicos 39. Petrópolis: Vozes, 1993.

BUSSMANN, M., Verbete "*Reino de Deus*" in Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia, S. Paulo: Paulus, 1993.

CROATTO, S., *Apocalíptica e esperança dos oprimidos*, in RIBLA 7, Petrópolis: Vozes, 1990, p. 10.

CORREA-LIMA, M. L., *Salvação entre juízo, conversão e graça*. – A perspectiva escatológica de Os 14,2-9. Roma: Ed. Pontifícia Università Gregoriana, 1998.

administra a justiça. E é aqui que a função salvífica do poder se põe à prova. Facilmente ocorre que essa função se corrompa e se torne opressora, protegendo os gestores da injustiça primeira ao invés de proteger os fracos e oprimidos. Esta é a segunda violência, que apóia a primeira e deixa o oprimido completamente indefeso. Mas será que as sociedades levam em conta esta situação, criando leis que castiguem aqueles que não praticam a justiça? (a justiça pervertida: se o sal se torna insípido...). **Julgará os pobres com justiça... (Is 11,4); o palácio é lugar da violência (Jr 22,1-5), assim como o templo (Jr 7,1-5).**

DAY, J., *Rei e Messias* – Em Israel e no Antigo Oriente próximo, São Paulo: Paulinas, 2005.

Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia, São Paulo: Paulus, 1993.

MARTIN-ACHARD, R., *Da morte à ressurreição segundo o AT*, São Paulo: Ed. Academia Cristã, 2005.

PAUL, A., *O que é Intertestamento*. Cadernos Bíblicos, n. 10, São Paulo: Paulinas, 1981.

RICHARD. P., *Apocalipse* – Reconstrução da Esperança, Petrópolis: Vozes, 1996.

_____ IN RIBLA 7: *Apocalipse, esperança dos pobres*, RJ: Vozes, 1990.

_____ IN RIBLA 7: *O povo de Deus contra o império* – Daniel 7 em seu contexto literário e histórico, Petrópolis: Vozes, 1990.

ROWLEY, H. H., *A Importância da Literatura Apocalíptica*, São Paulo: Paulinas, 1980.

RUSSELL, D. S., *L'Apocalíptica Giudaica*, Brescia: Paideia, 1991.

**Profa. Ms. Tânia Maria Couto Maia*

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica – RJ

Professora da Faculdade Católica de Fortaleza - FCF